

Como citar este artigo:

TRAVAGLIA, Luiz Carlos (1998). “Seleção e organização de informações e produção de textos” in DUARTE, Lélia Parreira(org.) **Para sempre em mim**. Belo Horizonte: PUC-MG, 1999: 197 – 204.

SELEÇÃO E
ORGANIZAÇÃO
DE INFORMAÇÕES
E A PRODUÇÃO
DE TEXTOS*

Luiz Carlos
Travaglia**

Diversas são as competências necessárias para a produção de textos tanto escritos quanto orais. Neste artigo busco chamar a atenção para uma capacidade a que quase sempre não se dá a devida atenção quando se fala em produção de textos: *a questão da seleção e organização da informação*, que está diretamente relacionada ao desenvolvimento do tópico de um texto. A lingüística textual tem demonstrado que o tópico de um texto (tema, macroposição textual, idéia central)¹ é a fonte central da elaboração de um texto, já dele se “deriva” todo o texto e com ele têm que estar correlacionados todos os elementos constitutivos do texto (especialmente proposições e segmentos tópicos),² como pede o fator de coerência da relevância. (cf. Koch e Travaglia, 1989, p. 95 e 1990, p. 81)

Esta questão não é simples, como todas as demais ligadas à produção de textos, e envolve diferentes aspectos, tais como:

- 1) a questão da relação do tipo de informação com o tipo de texto;
- 2) a questão da seleção da informação, tendo em vista os objetivos e intenções do produtor e o que ele sabe de seu interlocutor;
- 3) a apresentação da informação como informação nova ou velha;
- 4) a apresentação da informação como principal ou secundária;
- 5) a distribuição das informações selecionadas em segmentos tópicos;
- 6) a colocação das informações enquanto novas/velhas e principais/secundárias em uma ou outra posição (por exemplo, inicial ou final) dentro do segmento tópico.

Vamos, aqui, buscar levantar alguns aspectos centrais no tratamento destas questões, que julgamos ser pertinente considerar quando trabalhamos com a questão da produção de textos.

¹ Estes elementos certamente não têm o mesmo conceito dentro da teoria lingüística. Aqui queremos apenas chamar a atenção para aquilo que, para diferentes propostas, contém o elemento que dá a unidade de sentido do texto.

² Sobre segmento tópico, organização tópica, vide Jubran, Travaglia et al. (1992) e Carreter e Lara (s/data).

* Trabalho apresentado na mesa-redonda “As competências necessárias para a produção da redação de vestibular”, durante o IV Encontro Estadual Sobre Redação de Vestibular, realizado pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo - RS, em 25/09/1998. O presente texto apresenta algumas modificações.
** Universidade Federal de Uberlândia.

2 A informação: sua seleção, apresentação e organização

2.1 Relação entre tipo de texto e tipo de informação

Cada tipo de texto estabelece um modo de interação, de interlocução entre produtor e receptor do texto.³ Ao estabelecer este modo de interlocução, tendo em vista que o processo de enunciação “é uma atualização temporal e espacial do locutor em seu discurso” (Orlandi, 1988, p. 47), o enunciador/locutor (produtor do texto) se coloca em uma perspectiva que acaba resultando no fato de que um tipo básico de informação deverá ser selecionado, conforme o tipo de texto. Assim, temos (Cf. Travaglia, 1991, p. 49-57):

- a) na *descrição*, o produtor do texto se coloca na perspectiva do espaço em seu conhecer o que o leva a querer caracterizar, dizer como é, escolhendo, pois, informações apropriadas a este fim: localização, qualidades, elementos;
- b) na *narração*, o produtor se coloca na perspectiva do tempo. O que quer é contar o que aconteceu, dizer os fatos, os acontecimentos. Portanto, o tipo de informação necessária é outro: os fatos ou acontecimentos ordenados no tempo do mundo real;
- c) na *dissertação*, o produtor se põe na perspectiva do conhecer, abstraindo-se do tempo e do espaço. Neste caso busca o refletir, o explicar, o avaliar, o conceituar, o expor idéias para dar a conhecer, para fazer saber, associando-se à análise e à síntese de representações. Assim sendo, o que importa como informação são as entidades, as proposições sobre elas e as relações entre estas proposições, sobretudo as de condicionalidade, causa/conseqüência, de oposição (ou contrajunção), as de adição (ou conjunção), de disjunção, de especificação/ampliação/exemplificação, comprovação, etc.
- d) na *injunção*, o produtor fica na perspectiva do fazer posterior ao tempo ou momento da enunciação. O objetivo é incitar à realização de uma situação (ação, fato, fenômeno, estado, evento, etc.), requerendo-a ou desejando-a, ensinando ou não como realizá-la. Neste caso a informação é sempre algo a ser feito e/ou como ser feito.

Como se pode perceber, o simples fato de solicitar a produção de um tipo de texto já implica a seleção de um certo tipo de informação. Isto deve ser levado em conta como competência que o aluno (produtor de textos) deve ter e também na avaliação da boa formação, da qualidade dos textos.

³ Para o que dizemos aqui sobre tipologia, ver Koch e Fávero (1987), Orlandi (1987) e (1988), Neis (1984) e (1986), Travaglia (1991).

2.2 Objetivo de produção de textos e seleção de informação

Antes de mais nada, para produzir um texto, seu produtor tem que selecionar as informações que vão aparecer no mesmo. Essa seleção se faz basicamente em função do tópico e dos objetivos que tem o produtor do texto quando se lança em uma situação de comunicação que exige dele a produção de tal texto. Assim, por exemplo, se se vai produzir um texto sobre o tópico "A Universidade Brasileira", qualquer um pode imaginar, sem dificuldade, que, embora o tópico seja o mesmo, as informações selecionadas serão diferentes conforme o produtor do texto tenha um ou outro dos objetivos abaixo:

- a) Evidenciar a qualidade do ensino nas Universidades brasileiras;
- b) Mostrar os problemas da Universidade brasileira;
- c) Dizer como é de modo geral a estrutura das Universidades brasileiras;
- d) Comparar em seu desempenho e qualidade as Universidades brasileiras oficiais (federais e estaduais) com as particulares;
- e) etc.

Evidentemente a seleção de informações vai ser influenciada também pelo *interlocutor* concreto ou imaginado para a comunicação por meio deste texto: o nível de conhecimento do tópico por esse interlocutor, as informações que o produtor tenha ou não sobre o que o interlocutor sabe, sobre seus interesses, sua concordância ou não com o que vai ser dito, etc.

Já se percebe que, no caso de qualquer texto, será muito difícil julgar a boa formação, a qualidade de um texto produzido sem a explicitação prévia, na solicitação da tarefa, pelo menos do tópico e do objetivo que o texto deve cumprir. Assim, parece que a proposição de produção de textos como tarefa escolar ou como redação de vestibular terá seu processo avaliativo bastante prejudicado se não houver a proposição de um objetivo. Caso contrário, o examinador (corretor de redações) deverá ou mesmo terá que aceitar o texto com o objetivo que o candidato o produzir e com a seleção de informações que ele fizer. É preciso não fazer como o professor de 1º grau, que, após um debate sobre as drogas e seu uso, pediu para seus alunos redigirem um texto sobre o mesmo tópico, sem explicitar o objetivo do texto, e, depois, quando foi avaliar, queria penalizar com nota baixa um aluno que fizera um texto bem

SELEÇÃO E ORGANIZAÇÃO DE INFORMAÇÕES E A PRODUÇÃO DE TEXTOS

Luiz Carlos Travaglia

construído, defendendo o uso das drogas e que para tal selecionara informações pertinentes que funcionavam como argumentos a favor de sua proposta.

2.3 A distribuição das informações em segmentos tópicos

Além de selecionar as informações, o produtor do texto tem que decidir sobre sua distribuição e ordenação pelo texto. Normalmente essa distribuição não é feita informação por informação (entidade por entidade, característica por característica, relação entre elementos por relação entre elementos, estado de coisas por estado de coisas, fato por fato, etc.), mas por blocos de informação em que são reunidas informações afins, correlacionadas e que podem ser vistas como constituindo, em seu conjunto, um subtópico (ou seja, um tópico sub-ordenado ao tópico central). Este subtópico vai permitir identificar um segmento tópico (Cf. Jubran, Travaglia et al. 1992), o que estabelece uma espécie de estrutura hierarquizada do texto que se pode facilmente identificar. Suponhamos que se tenha escolhido fazer o texto sobre “A Universidade brasileira” com o objetivo de “mostrar os problemas da Universidade brasileira” (objetivo b, proposto em 2.2). Neste caso teríamos algumas possibilidades de agrupamento de informações que constituiriam os seguintes subtópicos:

- a) problemas de espaço físico e infra-estrutura;
- b) problemas econômicos;
- c) problemas com recursos humanos;
- d) problemas com material bibliográfico;
- e) problemas com o equilíbrio ou não entre ensino, pesquisa e extensão;
- f) causas dos problemas;
- g) propostas de soluções para os problemas.

Evidentemente outros arranjos são possíveis e tudo vai depender do objetivo do produtor e de como ele quer que seu texto atue sobre o receptor/interlocutor. Poderíamos, por exemplo, em vez de ter os segmentos *f* e *g* das causas e soluções, diluí-los nos outros segmentos, dando as causas e soluções para cada tipo de problema, se elas forem específicas, mas, se tivermos causas gerais para todos os tipos de problemas, poderemos ter a primeira estrutura proposta com o segmento *f* para as causas e o segmento *g* para as soluções, evitando, assim, redundâncias desnecessárias.

2.4 A apresentação da informação como nova ou velha e como principal ou secundária

A informação que aparece em um texto pode ser apresentada como nova ou velha, como principal ou secundária, de acordo com a decisão do produtor do texto, por razões argumentativas, retóricas, em função de seu(s) objetivo(s), ou outras, independentemente de se é realmente nova ou velha, principal ou secundária na realidade. Quem decide como a informação figurará no texto é, portanto, o produtor deste.

Os estudos lingüísticos já apontaram diversos mecanismos que a língua utiliza para apresentar a **informação como nova ou velha**. Assim, teríamos:

Informação velha (conhecida, dada) (Normalmente é mais apresentada ou introduzida)	Informação nova (desconhecida)
<ul style="list-style-type: none">• No tema das frases	<ul style="list-style-type: none">• No rema das frases
<ul style="list-style-type: none">• Por expressões nominais definidas	<ul style="list-style-type: none">• Por expressões nominais indefinidas
<ul style="list-style-type: none">• Por todos os mecanismos e recursos de coesão referencial (Cf. Koch, 1989)	<ul style="list-style-type: none">• Por todos os mecanismos e recursos de coesão seqüencial (Cf. Koch, 1989)
<ul style="list-style-type: none">• Na caracterização de entidades, por adjuntos adnominais (Cf. Travaglia, 1996, p. 154-157)	<ul style="list-style-type: none">• Na caracterização de entidades, por complementos predicativos (Cf. Travaglia, 1996, p. 154-157)
<ul style="list-style-type: none">• Nas causais, em orações iniciadas pelas conjunções: <i>como, pois, já que, visto que, uma vez que</i>	<ul style="list-style-type: none">• Nas causais, em orações iniciadas por <i>porque</i> (Cf. Travaglia, 1996, p.180-185)
<ul style="list-style-type: none">• Pelas orações adjetivas explicativas	<ul style="list-style-type: none">• Pelas orações adjetivas restritivas
	<ul style="list-style-type: none">• Por recursos de focalização: acento enfático partículas especiais como <i>ser...que</i> (Cf. Braga, 1996, p. 7)

Se a informação é **principal** ou **secundária** parece ser definido mais conceitualmente pela relação com o tópico e objetivo(s) do texto, sendo pouco evidenciado por mecanismos e recursos lingüísticos. Assim, Kappel (1998, p. 27-33) propõe que a informação principal deve estar relacionada com o objetivo do texto e tem a ver também com a idéia que o produtor do texto quer passar e/ou defender no caso da argumentação. Todavia em dois estudos encontramos elementos lingüísticos relacionados com a apresentação da informação como principal ou secundária. Assim teríamos:

SELEÇÃO E ORGANIZAÇÃO DE INFORMAÇÕES E A PRODUÇÃO DE TEXTOS

Luiz Carlos Travaglia

Informação principal

- Apresentada pela oração em que uma oração subordinada adjetiva se encaixa
- Orações coordenadas (Kappel, 1998, p. 36)

Informação secundária

- Apresentada pela oração subordinada adjetiva (Cf. Travaglia, 1996, p.155)
- Orações reduzidas (exceto as substantivas de infinitivo) (Cf. Travaglia, 1991, item 6.3.6)
- Orações subordinadas (Kappel, 1998, p. 36)

O conhecimento e utilização de tais mecanismos e recursos para instauração da informação como nova ou velha, como principal ou secundária no texto, é sem dúvida uma competência lingüística fundamental na produção de textos em geral.

2.5 A distribuição das informações novas ou velhas e principais ou secundárias no segmento tópico.

Diversos estudos⁴ já observaram que há uma tendência de a informação velha aparecer no início de sentenças e segmentos tópicos e de informações novas aparecerem no final, quase sempre por razões funcionais no discurso de ancoragem da informação.

Quanto à distribuição da informação principal e secundária nos segmentos tópicos, gostaria de destacar os resultados do estudo realizado por Kappel (1998).

Em seu estudo, Kappel (1998) trabalhou, num primeiro momento, com redações de vestibular das seguintes instituições: Faculdade de Medicina do Triângulo Mineiro, Universidade Federal de Uberlândia, Universidade de Uberaba e Universidade Federal do Paraná, divididas em dois grupos: as melhores (que obtiveram de 70% a 100% dos pontos) e as piores (que obtiveram de 10% a 30% dos pontos). Todas as redações são dissertativas. Constatou em sua análise que aquelas a que os avaliadores atribuíram melhores notas apresentavam, em 100% dos casos, as informações principais no final dos segmentos tópicos, em mais de 50% destes segmentos e que apenas 26% das piores apresentavam as informações principais no final do segmento tópico na mesma proporção (Neste caso, outros aspectos levaram à avaliação negativa, quase sempre a falta de progressão). Isto revela uma preferência e um padrão na consideração da boa ou má qualidade dos textos, da boa ou má formação dos textos. Os textos considerados melhores sempre apre-

⁴ Cf., por exemplo, Braga (1996), Fries (1992, p. 463), Giora (1983), Mira Matheus (1983, Cap. 7), Van Dijk (1992, p.196-200)

sentam a informação principal no final da maioria de seus segmentos tópicos.

Em um segundo momento, a autora trabalhou com cinco textos (duas redações de vestibular, dissertativas, consideradas nota dez, e três outros textos de autores diversos, sendo dois dissertativos e um narrativo). Kappel fez duas versões de cada texto: uma com informação principal no final do segmento tópico e outra com informação principal não no final do segmento, ou seja, no seu início ou meio. Os textos foram apresentados a grupos com diferentes graus de escolaridade e letramento (alunos de 5ª a 8ª séries do ensino fundamental; alunos da 2ª série do ensino médio; estudantes universitários do 2º período de diferentes cursos – Psicologia, Fonoaudiologia, Direito e Informática; professores de Português; outros educadores; outras profissões: universitários e não universitários). Foi solicitado em um questionário que cada informante escolhesse entre as duas versões do texto aquela que era sua preferida, aquela que achou melhor. No cômputo geral, 60,31% dos informantes preferiu a versão com a informação principal no final dos segmentos tópicos, com alguma variação entre os grupos e os tipos de textos. Este resultado confirmou o que se tinha verificado no primeiro estudo. Portanto, pode-se afirmar que na constituição de textos há uma preferência pela colocação da informação principal no final dos segmentos tópicos, o que leva os leitores (avaliadores ou não) a preferirem as redações/os textos com informação principal no final da maioria de seus segmentos tópicos.

3 Considerações finais

Tudo o que foi dito aqui parece deixar evidente a importância da seleção, classificação e distribuição das informações e dos tipos de informação em um texto, para que se possa considerá-lo um texto bem formado, um texto de boa qualidade. Sendo assim, é de esperar que a capacidade de selecionar, classificar e organizar informações no texto seja considerada como uma competência necessária e fundamental na produção de textos e que, por isso mesmo, tem de ser levada em conta nas atividades de ensino de produção de textos e de avaliação dos mesmos.

SELEÇÃO E ORGANIZAÇÃO DE INFORMAÇÕES E A PRODUÇÃO DE TEXTOS

Luiz Carlos Travaglia

Referências bibliográficas

- BRAGA, Maria Luiza. **A informação seu fluxo e tratamento**. Uberlândia: EDUFU, 1996.
- CARRETER, Fernando Lázaro, LARA, Cecília. **Manual de explicação de textos**. 3. ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, [19--].
- FRIES, Peter H. The structuring of information in written english text. *Language sciences*, Oxford, v. 14, n. 4, p. 461-488, 1992.
- GIORA, Rachel. Segmentation and segment cohesion: on the thematic organization of text. *Text*, v. 3, p. 155-181, 1983.
- JUBRAN, Clélia Cândida, TRAVAGLIA, Luiz Carlos et al. Organização tópica da conversação. In: ILARI, Rodolfo (Org.). **Gramática do português falado**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1992. v. 2: Níveis de análise linguística, p. 357-447.
- KAPPEL, Irma Beatriz Araújo. **Segmentação textual: coesão e distribuição informacional na organização tópica do texto**. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 1998. 165p. (Dissertação, Mestrado).
- KOCH, Ingedore G. V., FÁVERO, Leonor Lopes. Contribuição a uma tipologia textual. *Letras & Letras*, Uberlândia, v. 3, n. 1, p. 3-10, jun. 1987.
- KOCH, Ingedore G. V., TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **A coerência textual**. São Paulo: Contexto, 1990.
- KOCH, Ingedore G. V., TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Texto e coerência**. São Paulo: Cortez, 1989.
- MIRA MATHEUS, Maria Helena et al. **Gramática da língua portuguesa**. Coimbra: Almedina, 1983.
- NEIS, Ignácio Antônio. Elementos de tipologia do texto descritivo. In: FÁVERO, Leonor Lopes e PASCHOAL, Mara S. Z. (Orgs.). *Linguística textual: texto e leitura*. São Paulo: Editora da PUC/SP, 1986. p. 47-63. (Série Cadernos PUC, 22).
- NEIS, Ignácio Antônio. Problemas de tipologia do texto narrativo. *Boletim da ABRALIN*, Campinas, n. 6, p. 72-81, mar. 1984.
- ORLANDI, Eni Pulcinelli. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. Campinas: Pontes, 1987.
- ORLANDI, Eni Pulcinelli. Une confrontation dans le langage. *Langage et société*, Paris, n. 46, p. 45-66, dec. 1998.
- TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Um estudo textual-discursivo do verbo no Português do Brasil**. Campinas: IEL/UNICAMP. 1991. 330p. (Tese, Doutorado).
- VAN DIJK, Teun A. **Cognição, discurso, interação**. São Paulo: Ática, 1992.